

INSTITUTO SANTO TOMÁS DE AQUINO

Curso de Filosofia

Géster de Sousa Cabral

**A PLENITUDE DO *LOGOS*:
O CRISTIANISMO COMO CUMPRIMENTO DE UM PROJETO FILOSÓFICO,
SEGUNDO JUSTINO DE ROMA**

Belo Horizonte

2013

Géster de Sousa Cabral

**A PLENITUDE DO *LOGOS*:
O CRISTIANISMO COMO CUMPRIMENTO DE UM PROJETO FILOSÓFICO,
SEGUNDO JUSTINO DE ROMA**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Esp. Alfeu Trancoso de Campos

Belo Horizonte

2013

C117p Cabral, Géster de Sousa
A plenitude do Logos: o cristianismo como cumprimento de um projeto filosófico, segundo Justino de Roma./ Géster de Sousa Cabral. Belo Horizonte, 2013.
40 f.

Orientador: Alfeu Trancoso de Campos
Monografia (graduação) - Instituto Santo Tomás de Aquino, Curso de Filosofia, 2013.

1. São Justino. 2. Cristianismo primitivo. 3. Logos. 4. Apologia cristã. 5. Patrística. I. Campos, Alfeu Trancoso de II. Instituto Santo Tomás de Aquino III. Título

CDU: 276

Géster de Sousa Cabral

**A PLENITUDE DO *LOGOS*:
O CRISTIANISMO COMO CUMPRIMENTO DE UM PROJETO FILOSÓFICO,
SEGUNDO JUSTINO DE ROMA**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Prof. Esp. Alfeu Trancoso de Campos (Orientador) – PUC Minas

Belo Horizonte, 25 de novembro de 2013

*À minha família,
aos meus amigos,
e à Congregação Salesiana.*

AGRADECIMENTOS

A presença de pessoas especiais que caminharam comigo, me ajudou a pensar, a discernir, a preparar e a concretizar este trabalho.

Por isso, em agradecimento, dedico este estudo a toda minha família, na pessoa de Joana D'arc Cabral, minha mãe, cujo empenho, bondade, humildade e carinho, foram essenciais para minha formação humana e cuja presença me motivou efetivamente na concretude e aprofundamento do meu conhecimento. Também na pessoa de Marcos de Sousa Cabral, meu pai, cujo exemplo, dedicação e altruísmo me inspiraram a expandir os meus horizontes, o que me possibilitou a mergulhar profundamente no universo que me cerca e no universo que está em mim.

À minha família religiosa, os Salesianos de Dom Bosco, no qual o apoio e a confiança me possibilitaram a concretizar este trabalho, nas pessoas de Antônio Martins Pinheiro, Carlos Macedo Romeiro, Cleto Caliman, José Ricardo Mole e Sebastião Cesario da Cruz Júnior, que mais de perto me auxiliaram e me assistiram como irmãos e nos quais eu comprimento todos os meus irmãos da Inspetoria São João Bosco.

Ao Prof. Alfeu Trancoso de Campos, cuja presença, sabedoria, alegria e humildade me incentivaram em minhas reflexões e me auxiliaram concretamente para a redação deste estudo.

Àqueles que compartilharam seus conhecimentos, seus momentos e parte de suas vidas caminhando ao meu lado no decorrer destes anos de curso no ambiente acadêmico, dividindo comigo ideias, motivações e, sobretudo, o dom da amizade, nas pessoas de Érika Lana, Gustavo Ornelas, Joel Cícero, José Nicolau, Lucas Souza, Quércio Patrique e Robson de Aguiar, no qual comprimento os demais colegas, e na pessoa da Prof^a. Lilian Gomes, cujo exemplo, simpatia, sinceridade e brilhantismo nos inspiram e nos motivam no caminho da docência, e na qual comprimento todos os demais professores que nos facilitaram a construção de conhecimento e, deste modo, nos edificaram humanamente e intelectualmente.

Às instituições que me receberam como professor como professor, de modo especial, o Colégio Salesiano de Belo Horizonte, cujo ambiente e contexto me permitiram aprofundar minha vocação e continuar minha atividade docente.

Àqueles que me auxiliaram na revisão e diagramação deste trabalho, de modo especial, na pessoa de Iaramar Sampaio, que na sua paciência, presteza e dedicação nos inspiram a ajudar a quem precisa.

Àqueles cuja vida, sensibilidade, crítica e espírito meditativo me inspiraram a aprofundar os conhecimentos e reaprender a ver o mundo, nas pessoas de Renan Manuel Pighini da Silva e Fábio Luciano de Souza Nascimento, nos quais comprimento todos os meus amigos, pedras fundamentais para a construção do meu caminho.

Às pessoas que de alguma forma me ajudaram no poético processo de aprendizado e que influenciaram na conclusão deste trabalho. Os pequenos detalhes dão beleza à efetivação deste estudo e abrem as portas para inúmeros aprofundamentos.

Por fim, Àquele que é centro e núcleo da vida de todos nós e que é o objetivo principal deste trabalho: o *Logos*, que atrai tudo para si e que nutre a vida e a natureza com a Verdade. O princípio e a plenitude de todo o conhecimento. A Ele, pela vida, existência, sabedoria e amizade. Muito Obrigado.

A filosofia é o maior e o mais precioso bem diante de Deus, para o qual somente ela nos conduz e nos associa. Na verdade, santos são aqueles que consagraram à filosofia a própria inteligência (Diál. 2, 1).

Santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede (I Pe. 3, 15).

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo sobre a doutrina do *Logos*, elaborada por Justino de Roma, e sua influência no pensamento filosófico cristão. Para isso, julgamos necessário perpassar a formação intelectual de Justino e sua conversão ao Cristianismo, abrindo espaço para a especulação filosófica e contextualizando a concepção cristã de *Logos*. Além disso, analisaremos a participação dos filósofos antigos, considerados como cristãos antes de Cristo, no seio do cristianismo e discutiremos as argumentações que legitimam a religião cristã como a verdadeira religião. Ao se constituir em uma linha filosófica e racional, o cristianismo primitivo se aprofundou e se fortaleceu, ganhando espaço entre as diferentes culturas. Com isso, ele propõe Cristo como centro de toda a História e finalidade de toda a Filosofia, se tornando assim, o cumprimento e a plenitude do pensamento.

Palavras-chave: São Justino. Cristianismo primitivo. Logos. Apologia cristã. Patrística.

ABSTRACT

This work presents a study of the doctrine of the Logos elaborated by Justin of Rome and its influence on christian philosophical thought. For this, we deem it necessary to discuss the Justin intellectual formation and his conversion to Christianity, allowing philosophical speculation and contextualizing the christian conception of Logos. Also, we analyze the participation of the ancient philosophers, considered christians before Christ, within Christianity and discuss the arguments that legitimize the christian religion as the true religion. When formed in a philosophical and rational line, the early Christianity has built bases and strengthened itself, gaining space between different cultures. Thus, it proposes Christ as the center of all the history and purpose of all philosophy, becoming thereby the fulfillment and fullness of thought.

Keywords: Saint Justin. Early Cristianity. Logos. Christian apology. Patristics.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

<i>Diál.</i>	Diálogo com Trifão
<i>Hist. Ecl.</i>	História Eclesiástica
<i>I Apol.</i>	I Apologia
<i>II Apol.</i>	II Apologia
I Cor.	Primeira Carta aos Coríntios
I Pe.	Primeira Carta de São Pedro
Gn	Gênesis
Jo	Evangelho segundo São João

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ITINERÁRIO INTELECTUAL DE JUSTINO DE ROMA	13
2.1 TRAÇOS BIOGRÁFICOS.....	14
2.2 A CONVERSÃO DE JUSTINO AO CRISTIANISMO	16
2.3 ALGUNS ASPECTOS DA CONVERSÃO DE JUSTINO	18
2.4 JUSTINO REFORMULA O CONCEITO DE FILOSOFIA	19
2.5 O SURGIMENTO DA DOCTRINA DO <i>LOGOS</i>	20
3 O <i>LOGOS</i> PARCIAL	22
3.1 ANÁLISE DO CONCEITO DE <i>LOGOS</i>	22
3.2 <i>LOGOS SPERMATIKÓS</i> : AS SEMENTES DO VERBO.....	23
3.3 A PARTICIPAÇÃO DOS FILÓSOFOS NO <i>LOGOS</i>	25
3.4 CRISTÃOS ANTES DE CRISTO	26
4 O <i>LOGOS</i> TOTAL.....	30
4.1 CRISTO, O <i>LOGOS</i> PLENO: APONTAMENTOS SOBRE O PRÓLOGO DE SÃO JOÃO.....	30
4.2 A CONCEPÇÃO DE DEUS EM JUSTINO	31
4.3 CRISTO: A PLENITUDE E A FINALIDADE DA FILOSOFIA	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é, em primeiro lugar, um destacamento e aprofundamento da filosofia de Justino de Roma no que diz respeito à doutrina do *Logos*. Em segundo lugar, é uma visão sobre como essa doutrina foi vivida e constituída por Justino em sua busca incessante pela verdade. O principal objetivo é encontrar, refletir e destacar elementos que fazem de Cristo e de seu movimento, a finalidade de todo o pensamento e o cumprimento da Filosofia.

Deste modo, o primeiro capítulo trata da experiência intelectual de Justino. Perpassa alguns traços biográficos, sua formação intelectual e sua busca incessante pela verdade, sua conversão e seu encontro com o cristianismo e as formulações deste em âmbito filosófico. Procura perceber os primeiros elementos que constituíram a doutrina do *Logos*, perpassando pelas escolas frequentadas por Justino.

O segundo capítulo busca aprofundar a doutrina do *Logos*, já com as compreensões de *logos spermatikós* e *Logos total*. Analisa o conceito de *logos* na cultura grega clássica e no pensamento filosófico posterior e sua formulação na concepção de Justino. Busca compreender os delineamentos que o filósofo estabelece entre o pensamento helenístico, seu acolhimento e reformulação no pensamento cristão.

No terceiro capítulo tem-se uma relação entre os dois capítulos anteriores e um aprofundamento no tema do *Logos* pleno. É realizado um estudo sobre o prólogo do Evangelho segundo São João e sua influência conceitual no pensamento cristão posterior. Perpassa a concepção de Deus em Justino e termina desenvolvendo o tema de Cristo, como princípio e fim da Filosofia.

Este estudo abre espaço para possíveis aprofundamentos no pensamento de Justino de Roma. Sua filosofia forma como que a base para a concretude do cristianismo enquanto doutrina, não apenas religiosa, mas científica e racional. Em Justino, o cristianismo começa o seu enraizamento na filosofia helenística e traça suas primeiras características como legítima religião. Assim, por sua paixão pela verdade e pela importância do seu pensamento para o cristianismo, Justino é tido como o primeiro filósofo cristão.

2 ITINERÁRIO INTELECTUAL DE JUSTINO DE ROMA

A religião cristã é essencialmente destinada aos homens de todas as etnias, de todas as nações e de todos os níveis sociais. Ela é, por isso, universal. Esta característica está imbuída no cerne da sua constituição. Contudo, os primeiros ouvintes e seguidores do Evangelho são os humildes. Assim afirma o texto sagrado:

Vede, pois, quem sois, irmãos, vós que recebestes o chamado e Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de família prodigiosa. Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus o escolheu para reduzir a nada o que é, a fim de que nenhuma criatura possa vangloriar-se diante de Deus (I Cor. 26-29).

Em pouco tempo, e em número cada vez maior, muitos intelectuais encontraram a plena satisfação de sua sede de verdade na sabedoria da cruz, além de seus anseios espirituais e até mesmo de suas exigências científicas. A conversão, para eles, não era uma renúncia à cultura intelectual, pelo contrário, era uma força positiva que levava à reflexão. (BOEHNER; GILSON, 1985, p. 25).

Com a tarefa de expor o pensamento cristão e de que este oferecia à razão reflexões e soluções mais profundas do que as de qualquer outra filosofia, surgiram, nos séculos II e III, os apologistas¹. Suas obras tiveram início nas calúnias e inverdades que então circulavam entre os pagãos a respeito da doutrina cristã, e nos remoques de alguns filósofos².

Dos apologistas mais antigos, destaca-se o filósofo principal deste estudo: Justino. Ele é considerado o mais importante entre todos os apologistas do século II. Suas obras melhor demonstram os propósitos dos apologistas no que concerne à filosofia. Suas concepções filosóficas o colocam em lugar de destaque na história da filosofia cristã.

¹ “Com este nome são indicados os escritores cujo objetivo principal é a defesa da religião cristã contra as acusações e perseguições dos pagãos. A literatura apologética, todavia, continuaria mesmo depois que o cristianismo se firmou inclusive no campo político, mas o seu primeiro florescimento aconteceu nos séculos II e III.” (BERARDINO, 2002, p. 134).

² Dentre eles: Fronto de Cirta, o mestre de Marco Aurélio, Luciano de Samósata, o platônico Celso, o neoplatônico Porfírio e o imperador Juliano Apóstata (BOEHNER; GILSON, 1985, p.26).

2.1 TRAÇOS BIOGRÁFICOS

No Diálogo com Trifão e na primeira Apologia, o próprio Justino descreve alguns dados sobre a sua vida. Ele nasceu por volta do ano 100 em Flávia Neápolis³, antiga Siquém e atual Nablus, colônia fundada por Vespasiano no ano 72, na Samaria. (OSBORNE, 1973, p. 6). Era neto de Báquio (nome grego) e filho de Prisco (nome latino). Como seus pais eram colonos e pagãos, ele conhecia muito pouco o hebraico, contudo, viveu em contato com judeus e samaritanos. Pagão incircunciso (*Diál.* 28, 2), Justino recebeu a formação literária clássica⁴, em voga no século II.

Não se sabe por quanto tempo Justino viveu em Flávia Neápolis. Segundo Sánchez (2001), ele teria permanecido na sua cidade natal até concluir os seus estudos primários e secundários. Em seguida, “seus pais o teriam enviado a Éfeso, um dos grandes centros culturais da Ásia, conhecido por suas escolas de medicina, assim como Coz, Pérgamo e Esmirna (pela música), para que prosseguisse com seus estudos superiores de filosofia.” (SÁNCHEZ, 2001, p. 681).

Justino era filósofo por ofício e se portava como tal. A filosofia conduziu-o passo a passo para a crença em Deus. Talvez a história singular do país em que nasceu, tenha despertado ou fortalecido a tendência religiosa, tão característica de sua idade madura. É importante ressaltar que era muito natural que um jovem pagão, proveniente do âmbito cultural grego, buscasse na filosofia a satisfação dos seus anseios espirituais. Para Justino, a filosofia é aquilo que conduz o ser humano a Deus e o une a Ele. Ele mesmo afirma: “Vou te dizer o que é claro para mim. De fato, a filosofia é o maior e o mais precioso dom diante de Deus, para o qual somente ela nos conduz e associa.” (*Diál.* 2,1).

Eusébio de Cesareia, tido como o pai da História da Igreja, descreve o perfil de Justino como um “sincero amante da verdadeira filosofia.” (*Hist. Ecl.* IV, 8. 3). “O pensamento dos filósofos, ele o havia procurado, praticado e amado. Conhecia-o por dentro, pois jamais procurou a verdade que não fosse para vivê-la.” (HAMMAN, 1985, p. 28). Assim, em busca desta verdade, Justino frequentou várias escolas filosóficas: a estoica, a peripatética, a

³ A cidade situava-se a cerca de dois quilômetros a leste da antiga cidade bíblica de Siquém, tendo sido nomeada como “nova cidade de Flávio”, *Flavia Neapolis*, em homenagem ao imperador romano *Titus Flavius Vespasianus*. A atual cidade, denominada Nablus desde 636, após a conquista dos árabes, é um importante centro comercial e cultural da Cisjordânia.

⁴ Segundo Munier (2006), a partir da *I Apol.* 21, percebe-se que Justino tem conhecimento da mitologia e poesia gregas e da filosofia estoica.

pitagórica e a platônica. O próprio apologista, com um estilo um tanto cômico, narra sua trajetória por essas escolas:

[...] coloquei-me nas mãos de um estoico e passei bastante tempo com ele. Todavia, percebi que nada me adiantava para o conhecimento de Deus, pois nem sequer ele sabia nada, nem dizia que esse conhecimento era necessário. Então, separei-me dele e dirigi-me a outro, um peripatético, que se acreditava ser um homem perspicaz. Este me suportou bem nos primeiros dias, mas logo deu-me a entender que devíamos fixar honorários, a fim de que a nossa convivência não ficasse sem proveito. Eu o deixei por esse motivo, pois ele absolutamente não parecia filósofo. Minha alma, porém, continuava ardendo para ouvir o que é próprio e excelente na filosofia. (*Diál.* 2, 3).

Continuando a sua busca, Justino se dirige a um pitagórico, homem muito conceituado e que se orgulhava muito de sua própria sabedoria. Contudo, este esperava que Justino soubesse música, astronomia e geometria, afirmando que essas ciências desprendiam a alma do sensível preparando-a para o inteligível, o que permitiria por fim, ver o que é belo e bom em si mesmo. Uma vez que ele ignorava essas ciências, o pitagórico prontamente o despediu.

Por fim, foi com um platônico⁵ que a busca pela verdade de Justino começou a ser saciada.

[...] decidi conversar também com os platônicos, pois também eles tinham muita fama. Justamente nesses dias, chegara à nossa cidade um homem inteligente, proeminente entre os platônicos. Mantinha com eles longas conversas e a cada dia eu me adiantava e fazia progressos notáveis. Eu me exaltava principalmente com a consideração do incorpóreo. A contemplação das ideias dava asas à minha inteligência. Eu imaginava ter-me tornado sábio num instante, e minha estupidez fazia-me esperar que de um movimento para outro contemplaria o próprio Deus. Com efeito, esta é a meta da filosofia de Platão. (*Diál.*2, 6).

Justino frequenta com grande assiduidade a escola platônica. É certo que durante algum tempo ele se sentiu satisfeito com essa filosofia. Parece ter tido a impressão de haver encontrado o que buscava.

A mesma coisa que aconteceu mais tarde com Agostinho, também aconteceu com Justino, isto é, ele se entusiasmou pela elevação e pelo idealismo da especulação platônica e, em particular, pela doutrina da existência de realidades incorpóreas: as Ideias.

Sobre o platonismo seguido por Justino, Hans-Jörg Witter afirma que ele,

⁵ É possível que este filósofo platônico seja Numesius, que o ensinou em Éfeso.

pertence, muito provavelmente, à corrente platônica denominada de médio-platonismo. Esta é fruto de um renascimento da filosofia platônica na segunda metade do século I d.C., que começa com Eudoro de Alexandria. O chamado médio-platonismo dura até o final do século II d. C. quando desemboca na filosofia platônica que começa com Amônio Saccas, mestre de Plotino e Orígenes. Com frequência os representantes do médio-platonismo assumem também elementos de outras filosofias como a aristotélica, a estoica e a pitagórica. Tratava-se de um certo ecletismo platônico. Porém, é claro que a base é o pensamento de Platão e suas obras. Neste sentido, Justino de baseia na filosofia de Platão, conhecendo-a, possivelmente, através de textos e florilégios, mas não as obras inteiras. (WITTER, 1998, p.35).

Toda essa trajetória filosófica é análoga ao *Protágoras* de Platão, constituindo uma expressão literária de um itinerário intelectual, o que não tira a qualidade de seu valor biográfico. (MUNIER, 2006, p. 10). No que diz respeito à filosofia platônica, Justino não demora em verificar que esta não estava em condições de dar resposta aos problemas mais essenciais.

2.2 A CONVERSÃO DE JUSTINO AO CRISTIANISMO

Embebido da filosofia de Platão, Justino decide retirar-se à solidão, num local à beira do mar, evitando o caminho dos homens, a fim de se entregar à meditação. Perto do local onde iria ficar sozinho, encontra um ancião, que o começa a interrogar acerca dos seus desígnios. Ao que Justino responde:

Que obra maior devemos realizar senão a de mostrar como a ideia dirige todas as coisas? Concebida em nós, deixando-nos conduzir por ela, podemos contemplar o engano dos outros e ver que em suas ocupações não há nada de são, nem de agradável a Deus. De fato, sem a filosofia e a reta razão, não é possível existir prudência. É preciso, portanto, que todos os homens se dediquem à filosofia e a considerem a maior e mais honrosa, deixando o restante em segundo ou terceiro lugar. Se essas estiverem unidas à filosofia, ainda poderão passar por coisas de moderado valor e dignas de aceitação. Contudo, se estiverem separadas dela e não a acompanharem, serão pesadas e vis para aqueles que as realizam. (*Diál.* 3, 3).

Inicia-se aqui uma maiêutica. O ancião prossegue perguntando o que ele entendia por filosofia e por felicidade. A filosofia, respondeu Justino, “é a ciência do ser e conhecimento da verdade, e a felicidade é a recompensa dessa ciência e desse conhecimento.” (*Diál.* 3, 4). Interrogado sobre Deus, Justino prossegue, “Deus é aquele que é sempre encontrado do mesmo modo. Ele é invariável e também a causa do ser de todos os outros seres.” (*Diál.* 3, 5)

Estas respostas de Justino dão uma ideia de quanto o seu conceito de Deus se distancia, desde já, do politeísmo pagão. O ancião em nada se opõe a essa definição. Suas

objeções visam antes de tudo às pressuposições internas de um conhecimento sobre Deus. (BOEHNER; GILSON, 1985, p. 27). Prossequindo, ele questiona: “Como podem os filósofos chegar a um conceito correto ou a uma afirmação verdadeira sobre Deus, se não possuem nenhum conhecimento dele, nem jamais o viram ou ouviram”? Ao que Justino responde que, segundo Platão, dispomos de um olho espiritual que nos capacita a contemplar em si mesmo aquele ser que é a causa de todas as coisas sensíveis. Além disso, existe uma relação, uma conexão entre a alma e Deus. Para que isso se realize, é preciso que se viva com retidão, depois de se purificar com a justiça e todas as outras virtudes. (*Diál.* 4). O ancião se opõe à existência de uma relação entre Deus e alma humana e de que esta seja uma parte do espírito divino. Demonstra a incoerência da doutrina da metempsicose⁶ e prova que a alma, não menos que o mundo e o corpo, tem um começo para sua existência, e sendo assim, sua imortalidade não é igual a de Deus. (BOEHNER; GILSON, 1985, p. 27).

Com esses argumentos, Justino se vê forçado a admitir que seus grandes mestres são incapazes de conduzi-lo ao seu grande objetivo de conhecer a verdade. O ancião finalmente atinge o cerne das suas motivações interiores. Cedendo aos argumentos de seu interlocutor e manifestando o desejo de encontrar o verdadeiro caminho para Deus, Justino pergunta: “Então, a quem vamos tomar como mestre ou de quem poderemos tirar algum proveito, se nem mesmo nestes se encontra a verdade”? Já que a alma não pode obter a visão de Deus enquanto permanece no domínio meramente natural, só lhe resta aceitar a religião que não só promete conduzir a Deus, mas, além disso, lhe proporciona os meios de alcançar este grande objetivo. O ancião lhe responde:

Há muito tempo, existiam alguns homens mais antigos do que todos estes considerados filósofos, homens bem-aventurados, justos e amigos de Deus, que falaram inspirados pelo espírito divino e, divinamente inspirados, predisseram o futuro que está se cumprindo exatamente agora. São os chamados profetas. Somente eles viram, e anunciaram a verdade aos homens, sem temer ou adular ninguém, sem deixar-se vencer pela vanglória; pelo contrário, repletos do Espírito Santo, disseram apenas o que viram e ouviram. Seus escritos se conservam ainda hoje, e quem os lê e neles acredita pode tirar o maior proveito nas questões a respeito do princípio e fim das coisas e sobre aquelas coisas que o filósofo deve saber. Com efeito, eles nunca fizeram seus discursos com demonstração, pois eles são testemunhas fidedignas da verdade, acima de toda demonstração. [...] É justo crer neles também pelos milagres que faziam, pois mediante eles glorificavam a Deus criador e pai do universo, e anunciavam a Cristo, seu Filho, que dele procede. (*Diál.* 7, 1-2).

⁶ Termo de origem grega significando literalmente “passagem da alma de um corpo para outro”. Essa doutrina foi aparentemente introduzida no pensamento grego por Pitágoras, e encontra-se uma versão dela no capítulo X da *República*, de Platão.

Prosseguindo com a resposta, o ancião lhe dá a entender que a leitura dos livros sagrados deve ser precedida da oração, “para que as portas da luz te sejam abertas, pois estas coisas nem todos as podem ver e compreender, a não ser aqueles a quem Deus e seu Cristo concedem o dom de compreender.” (*Diál.* 7, 2). Depois desta exortação, o ancião parte, e Justino não o vê mais.

Neste momento, Justino se sente muito atraído pelos profetas e amigos de Cristo. Se convence de que a doutrina deles contém a única filosofia fidedigna e salutífera. Faz-se cristão. (BOEHNER; GILSON, 1985, p. 28).

É possível que esse encontro de Justino com o ancião, não seja um fato histórico. Segundo os comentários de Roque Frangiotti, tradutor das obras de Justino, o encontro pode ser uma “montagem”, uma “construção literária”, na qual o ancião representaria a filosofia originária frente à filosofia grega corrompida, ou a sabedoria primeira redescoberta agora no cristianismo, ou ainda a própria tradição cristã. Em todo caso, a sua estrutura e seus argumentos são fundamentais para se entender a conversão de Justino.

A discussão com esta figura misteriosa o fez abraçar o cristianismo provavelmente em Éfeso (*Hist. Ecl.* IV, 18,6), antes da Revolta de Bar Kochba⁷. Sánchez (2001) menciona a hipótese de que a conversão não ocorreu em Éfeso, mas na Palestina, e o contato com igreja local foi decisivo para a sua conversão.

2.3 ALGUNS ASPECTOS DA CONVERSÃO DE JUSTINO

Há três fatores, citados por Justino, que foram decisivos para a sua conversão: a busca pela verdade, o desprezo dos cristãos pela morte e a oração humilde. (QUASTEN, 2004, p. 197).

O que conduziu o apologista ao cristianismo foi a busca pela verdade, e a sua abertura às argumentações do ancião deixa clara essa sua motivação. Ele percebeu a coerência existente entre a filosofia pagã e o cristianismo. Ele percebeu que o cristianismo cumpria um projeto filosófico, tornava-o concreto, real, sobretudo ao considerar aspectos da filosofia platônica. O aparato filosófico presente no cristianismo foi decisivo para Justino abraçar a nova fé. Isso fazia o cristianismo diferente das outras religiões. Contudo, a filosofia presente no cristianismo não basta para entender a sua conversão, visto que muitos outros filósofos

⁷ Trata-se da guerra judaica encabeçada por Bar Kochba nos anos 132-135 d.C., vencida pelos romanos, quando a Palestina foi totalmente arrasada e Jerusalém destruída.

contemporâneos de Justino se opunham à fé cristã. Sendo assim, os outros dois fatores são, ambos, decisivos.

Quando Justino seguia a escola platônica, ficava profundamente impressionado com a forma com que os cristãos caminhavam para o martírio, sem resistência. Essa atitude dos cristãos representava o maior grau de desprezo pelo mundo sensível, algo que todo platônico almejava, mas era incapaz de realizar de forma tão extrema. Os cristãos faziam isso sem nunca ter tido acesso à escola platônica.

A oração, somada aos dois primeiros fatores também é igualmente decisiva para a sua conversão. Ele afirma:

Eu também, ao perceber que os malvados demônios tinham lançado um véu sobre os divinos ensinamentos de Cristo, a fim de afastar deles os outros homens, desprezei da mesma forma aqueles que propagavam tais calúnias com o véu dos demônios e a opinião do vulgo. Confesso que todas as minhas orações e esforços tem por finalidade mostrar-me cristão, não porque as doutrinas de Platão sejam alheias a Cristo, mas porque elas não são totalmente semelhantes, como também as dos outros filósofos, os estoicos, por exemplo, poetas e historiadores. (*II Apol.* 13, 1-2).

Apesar da humildade não ser algo decorrente da razão, foi ela que permitiu Justino a elevar sua razão a um grau de compreensão maior. A humildade, proveniente da fé, não apenas mudou sua forma de pensar, mas promoveu nele uma radical transformação, alterando o seu estilo de vida.

2.4 JUSTINO REFORMULA O CONCEITO DE FILOSOFIA

A conversão de Justino muda totalmente o foco de sua vida. É o ponto de partida para uma vida apologética intensa baseada na doutrina de Cristo⁸.

Refletindo comigo mesmo sobre os raciocínios do ancião, cheguei à conclusão de que somente essa é a filosofia segura e proveitosa. Desse modo, portanto, e por esses motivos, sou filósofo, e desejaria que todos os homens, com o mesmo empenho que eu, seguissem as doutrinas do Salvador. (*Diál.* 8, 1-2).

⁸ É importante salientar que ao longo do *Diálogo*, Justino não toma a palavra “Cristo” como nome próprio nem como a segunda pessoa da Trindade, mas sim no sentido de “ungido”, isto é, de Messias.

Quando Justino afirma que “por esses motivos, sou filósofo”, ele faz nada menos que uma transformação completa do conceito de filosofia. A filosofia que antes estava nas mãos dos gregos, agora passa para as mãos dos cristãos.

Os problemas cogitados pela filosofia grega são idênticos àqueles que são levantados e solucionados pelo cristianismo. Tanto os filósofos gregos quanto os cristãos buscam a Deus e desejam vivamente a união da alma com Deus. Deste modo, ou a filosofia visa a um objeto que lhe é proporcionado e acessível, e deste modo não poderá ser de natureza religiosa, ou o seu objetivo é de caráter propriamente religioso, e nesse caso, será necessário transcender à filosofia meramente natural e aceitar a religião cristã, a qual será atribuída o nome de “filosofia.” (BOEHNER; GILSON, 1985, p. 28). Será precisamente neste último sentido, que Justino conceitua a filosofia. Assim se justifica a conclusão dialética, no sentido platônico do termo, de que a conversão o transformou num verdadeiro filósofo.

Esse trecho do *Diálogo com Trifão*, citado acima, tem uma importância fundamental para a história da filosofia, pois nele se pode notar que o cristianismo, desde as suas origens, sempre reivindicou para si o título de verdadeira filosofia. Neste caso, o cristianismo, sendo uma religião fundada na fé de uma revelação divina, é a única capaz de resolver os problemas levantados pela própria filosofia. Seus discípulos tinham, portanto, o direito de reivindicar para si o título de filósofos, e se tratando do cristianismo, de declararem-se filósofos pelo simples fato de serem cristãos. (GILSON, 1995, p. 4).

2.5 O SURGIMENTO DA DOCTRINA DO *LOGOS*

Ao apresentar o cristianismo como a verdadeira filosofia, Justino cria uma linha divisória na história da filosofia. Resulta-se, a partir desse ponto, uma série de difíceis questionamentos aos quais o apologista não tenta evitar. Se o cristianismo agora ocupa uma posição que soluciona os problemas da filosofia, o que se há de dizer dos filósofos que vieram antes de Cristo? Os cristãos tem agora o direito de condenar esses antigos filósofos simplesmente eles por não conhecerem a revelação divina?

Era impossível, para Justino, negar que a filosofia grega não só havia conhecido, mas também praticado a verdade. Os próprios filósofos e mestres gregos o haviam conduzido ao cristianismo. Deste modo, Justino elabora a doutrina da participação do ser humano no *Logos*, que é Cristo, Verbo eterno do Pai.

Toda a verdade está no *Logos*, que “ilumina todo homem que vem a este mundo.” (*II Apol. 10*). Assim, toda a verdade deve ser relacionada ao *Logos*. Mesmo que a verdade dos gregos fosse imperfeita, limitada e fragmentária, eles estavam ligados ao *Logos*, tinham uma participação com ele e nele. Essa união filosófica de princípios cristãos e humanistas fará de Justino o fundador do humanismo cristão⁹.

Para aprofundar essa doutrina, Justino utiliza duas expressões: O *logos parcial* e o *Logos total*. Essa doutrina perpassará todo o seu pensamento e introduzirá todo o aparato filosófico, pautado pelos seus limites, no seio do cristianismo. Sobre esses dois conceitos, dedicaremos, respectivamente, os próximos dois capítulos.

⁹ É a crença de que a liberdade e o individualismo humanos são partes intrínsecas, ou pelo menos compatíveis, com a doutrina e prática cristãs. Defende uma plena realização do ser humano dentro de um marco de princípios cristãos.

3 O LOGOS PARCIAL

3.1 ANÁLISE DO CONCEITO DE LOGOS

O conceito de *logos*, chave central da filosofia grega, possui diversas interpretações nas diferentes correntes filosóficas. É possível notar que no mesmo pensamento de alguns filósofos haja variações de compreensão deste termo. O que é interessante notar é que este conceito não possui uma definição fechada, o que possibilita a presença dele em diversas linhas de pensamento.

Na língua grega clássica, é possível destacar uma gama de vocábulos que esboçam o seu primeiro perfil. Dentre eles, pode-se citar, por exemplo, palavra, verbo, sentença, discurso, pensamento, inteligência, razão e definição. Por mais familiares e próximas que estejam estas definições, em cada uma delas, há um universo e um significado próprios. É possível que seu sentido etimológico originário seja de “reunir” ou “recolher”. Desta forma, o conceito de logos conteria o caráter de combinação, associação e ordenação, que daria sentido às coisas. (JAPIASSU; MARCONDES, 1990, p. 154).

A partir de Heráclito, a compreensão deste termo passou a ter uma abrangência mais ampla. Neste filósofo, encontram-se dois dos sentidos básicos, inter-relacionados, que este conceito terá na filosofia helenística. O primeiro seria do *logos* como princípio cósmico, como a própria racionalidade do real, o princípio subjacente ao fogo, que é para Heráclito, o elemento primordial. O segundo seria de um *logos* visto como inteligência ou razão humana, voltada para o conhecimento do real. Nota-se que Heráclito não se distancia muito do significado original grego, contudo, sugere uma existência independente de *logos* universal.

Na filosofia de Aristóteles, este conceito significa a sentença que pode ser verdadeira ou falsa, e que manifesta ou expressa o pensamento. Deste modo, surge a expressão *logos apophantikós*, isto é, aquele que manifesta algo.

No estoicismo, esse conceito tem uma importância fundamental, pois é o vértice de toda a sua doutrina. Basicamente, eles tomam a interpretação de Heráclito e a desenvolvem. Assim, todo o universo é corpóreo e governado por um *logos*, que é um princípio divino, criador e ativo, do qual toda a realidade depende. A alma está identificada com este princípio divino, como parte de um todo ao qual pertence. Em outras palavras, o mundo era entendido como um todo orgânico, animado por um princípio vital que constituía a própria alma do

mundo. A este princípio vital, os estoicos denominaram *logos spermatikós*, isto é, seminal, conceito que Justino tomará e reformulará posteriormente. Tudo surge a partir deste *logos* e de acordo com ele. Por ele, o mundo é um *Kosmos*, ou seja, harmonia, organização, ordem. Assim, o ser humano era impelido a buscar intensamente essa harmonia, essa tranquilidade de vida e viver de acordo com a natureza. Essa reflexão desenvolvida pelos estoicos fez deles os grandes moralistas da Antiguidade.

No médio-platonismo, escola que Justino frequentou como visto anteriormente, a definição de *logos* é tida como que uma realidade intermediária entre Deus e o mundo. Isto é claro, principalmente quando se analisa a narração de Justino nesta escola. Contudo, uma interpretação mais completa deste termo se dará posteriormente, no neoplatonismo, principalmente nos escritos de Plotino.

Todas estas interpretações demonstram a amplitude do alcance deste conceito. Contudo, a interpretação de Justino será estoico-platônica, isto é, seu conceito está mais próximo do médio-platonismo do que do estoicismo. A terminologia que Justino usa é originalmente estoica, mas o pensamento subjacente é platônico. (BERARDINO, 2002, p. 798).

3.2 LOGOS SPERMATIKÓS: AS SEMENTES DO VERBO

Ao unir a denominação estoica de *logos* com a interpretação platônica do termo, Justino cria um novo conceito: o *logos spermatikós*, que são as sementes do Verbo, que é Cristo Jesus, Filho eterno de Deus, o *Logos* pleno.

Justino afirma que os antigos filósofos que conheceram e praticaram a verdade, tais como Platão e os estoicos, tiveram parte no *Logos*. Contudo, eles não O possuíram integralmente. Os antigos filósofos apenas possuíram as sementes do *Logos*. Sua participação foi parcial. (BOEHNER; GILSON, 1985, p. 29).

A nossa religião mostra-se a mais sublime do que todo o ensinamento humano, pela simples razão de que possuímos o Verbo inteiro, que é Cristo, manifestado por nós, tornando-se corpo, razão e alma.

Com efeito, tudo o que os filósofos e legisladores disseram e encontraram de bom, foi elaborado por eles pela investigação e intuição, conforme a parte do Verbo que lhes coube. (*II Apol.*10, 1-2).

O apologista mantém uma sincera e profunda admiração pelos antigos filósofos. Ele reconhece a legítima busca deles pela verdade e a contribuição do pensamento destes filósofos para com o caminho da Verdade Plena. Mas, nem por isso exclui desse grupo os poetas, os legisladores e os historiadores.

Há um reconhecimento, por parte de Justino, das excelências das normas de moralidade dos poetas e estoicos:

Confesso que todas as minhas orações e esforços tem por finalidade mostrar-me cristão, não porque as doutrinas de Platão sejam alheias a Cristo, mas porque elas não são totalmente semelhantes, como também as dos outros filósofos, os estoicos, por exemplo, poetas e historiadores. De fato, cada um falou bem, vendo o que tinha afinidade com ele, pela parte que lhes coube do Verbo seminal divino. Todavia, é evidente que aqueles que em pontos muito fundamentais se contradisseram uns aos outros, não alcançaram uma ciência infalível, nem um conhecimento irrefutável. Portanto, tudo o que de bom foi dito por eles, pertence a nós, cristãos, porque nós adoramos e amamos, depois de Deus, o Verbo, que procede do mesmo Deus ingênito e inefável. [...] Todos os escritores só puderam ver obscuramente a realidade graças à semente do Verbo neles ingênita. Com efeito, uma coisa é o germe e a imitação de algo, que é feita conforme a capacidade. E outra, aquele mesmo do qual participa e imita, conforme a graça que também dele procede. (*II Apol.*13, 2-6).

Com a roupagem da expressão estoica, Justino designa o *logos* parcial, comunicado aos filósofos, isto é, trata-se de um “germe” ou de uma semente do *logos*. Como a semente está para o fruto maduro, assim o germe do Verbo dado aos seres humanos está para o Verbo pleno, manifestado em Cristo. Dado que os filósofos e escritores antigos dispunham apenas de um *Logos* germinal, é claro que a verdade só lhes era acessível na medida de sua capacidade mental, o que resulta na impossibilidade de doutrinas contraditórias e a inevitabilidade de opiniões contrastantes. (BOEHNER; GILSON, 1985, p. 30).

Justino tem uma visão universalista da Encarnação do Verbo, sendo ela preparada e se realizando como promessa desde a criação. Não só o Antigo Testamento é uma preparação para o cristianismo, mas igualmente a filosofia grega.

Em todos os seres humanos, segundo o apologista, existe a semente do *Logos* (*spérma tou lógou*). Esta semente não é só a capacidade ou a habilidade para apreender a verdade, mas é a própria verdade já presente no ser humano, manifestando na reta ordenação de sua vida.

3.3 A PARTICIPAÇÃO DOS FILÓSOFOS NO *LOGOS*

Após constatar e designar o conceito de Verbo seminal, Justino aprofunda seus fundamentos. Os filósofos tem uma participação no *Logos* de duas maneiras: uma *imediata* e outra *mediata*. Imediatamente pela iluminação do *Logos* e mediadamente pela revelação. (BOEHNER; GILSON, 1985, p. 30).

Justino não esclarece, em seus pormenores, o que ele entende por participação imediata. Pode-se deduzir dos seus textos, que tal iluminação consistiria talvez num uso reto da razão natural, ou ainda, numa iluminação propriamente dita, embora não o declare explicitamente. No que diz respeito à participação mediata, ele se convence de que os filósofos antigos tiveram a influência do Antigo Testamento. Esta opinião, segundo Bohner e Gilson (2002), revela o influxo de alguns escritos judeus, contemporâneos de Justino, que “tratavam de desprestigiar a filosofia grega, afirmando que ela haurira suas persuasões mais profundas do Antigo Testamento”.

Dessa participação mediata, pode-se destacar, por exemplo, a Primeira Apologia, onde Justino coloca Platão como discípulo de Moisés:

De nossos mestres também, isto é, do Verbo que falou pelos profetas, Platão tomou o que disse sobre Deus ter criado o mundo, transformando uma matéria informe. [...] Por meio dele, dando-nos a entender de que maneira e com quais elementos Deus fez o mundo no princípio, o Espírito profético assim disse: “No princípio, Deus fez o céu e a terra. [...] E Deus disse: Faça-se a luz. E a luz foi feita” (Gn1, 1-3). Consequentemente, todo o mundo foi feito pela palavra de Deus a partir de elemento preexistente, antes indicado por Moisés, coisa que tanto Platão como os que seguem as suas doutrinas aprenderam, e também nós a aprendemos, e vós podeis persuadir-vos disso. E mesmo aquilo que entre os poetas se chama “Érebo” ou abismo, sabemos que já fora dito antes por Moisés. (*I Apol.*59, 1-6).

Platão, segundo Justino, teria recolhido das doutrinas mosaicas, o que se diz a respeito de Deus e da criação. Além disso, seguindo o texto adiante, Justino atribui a influência de Moisés, ao que, supunha ele, ter dito Platão em *Timeu* 36b sobre o Filho de Deus: “O que Platão, explicando a criação, diz no *Timeu* sobre o Filho de Deus: ‘Deu-lhe a forma de X do universo’, ele o tomou de Moisés.” (*I Apol.* 60,1).

Platão deve ter lido isso e, não compreendendo exatamente, nem entendendo que se tratava da figura da cruz, tomou-a pela letra X grega, e disse que o poder que acompanha Deus estava primeiro estendido pelo universo em forma de X. (*I Apol.* 60, 5).

É perfeitamente claro nos escritos de Justino, que ele toma como critério de verdade a antiguidade, do mesmo modo, como dito antes, que os apologistas judaicos. A exemplo da passagem citada acima, ele identifica Cristo com a alma do mundo de Platão, estendida em forma de cruz. É interessante destacar aqui, que o médio-platonismo tendiam a transformar o demiurgo mítico de Platão em uma mente transcendente ao mundo e referida a este como “Pai e Criador do mundo.” (BERARDINO, 2002, p. 799). É bastante clara a influência desse pensamento na reformulação conceitual dada por Justino ao analisar Platão.

Ao sublinhar a primazia dos profetas e do Antigo Testamento sobre os filósofos gregos, Justino prepara o caminho para a plena realização da filosofia. Se os filósofos tiveram por base os profetas, logo o objetivo da mensagem destes profetas se faria também o objetivo dos filósofos, isto é, a plenitude da verdade, que se realizaria posteriormente em Cristo.

Neste ponto, segundo o apologista, os filósofos não possuíram o *Logos* pleno, isto é, eles não conheceram o Verbo inteiro, pois muitos dentre eles se contradisseram sobre as mesmas questões. Estes filósofos antigos tiveram acesso apenas a uma parte do *Logos* e falavam de acordo com ela. Diz ele: “todavia, como eles não conheceram o Verbo inteiro, que é Cristo, eles frequentemente se contradisseram uns aos outros.” (*II Apol.* 10, 3).

Deste modo, Sócrates, Platão, os estoicos, filósofos que Justino tinha grande admiração e que o tinha influenciado, além dos estoicos, os legisladores e os poetas, não podem ser comparados a Cristo, pois o que de verdade eles disseram, foi pela “virtude seminal” do Verbo que receberam. Tudo o que de certo e salutar esses filósofos disseram, pertence aos cristãos, pois foi a eles que o Verbo inteiro se manifestou.

3.4 CRISTÃOS ANTES DE CRISTO

Jesus Cristo é o *Logos*. Se os filósofos antigos participaram dele, então eles podem ser considerados cristãos antes de Cristo. Justino expressa bem esse pensamento em sua Primeira Apologia e, conseqüentemente, coloca o cristianismo como o objetivo do todo o pensamento filosófico.

Alguns, sem motivo, para rejeitar o nosso ensinamento, poderiam nos objetar que, ao dizermos que Cristo nasceu somente há cento e cinquenta anos sob Quirino e ensinou sua doutrina mais tarde, no tempo de Pôncio Pilatos, os homens que o precederam não tem nenhuma responsabilidade. [...] Nós recebemos o ensinamento de que Cristo é o primogênito de Deus e indicamos antes que ele é o Verbo, do qual

todo o gênero humano participou. Portanto, aqueles que viveram conforme o Verbo são cristãos, quando foram considerados ateus, como sucedeu entre os gregos com Sócrates, Heráclito e outros semelhantes. E entre os bárbaros com Abraão, Ananias, Azarias e Misael, e muitos outros [...] De modo que, também os que antes viveram sem razão, se tornaram inúteis e inimigos de Cristo e assassinos daqueles que vivem com razão. Mas os que viveram e continuam vivendo de acordo com ela, são cristãos e não experimentam medo ou perturbação. (*I Apol.* 46, 1-4).

Nota-se, nesta passagem, que o termo “verbo” é aplicado no mesmo sentido de “razão”, que faz parte da interpretação etimológica original do termo “*logos*”, na língua grega clássica. É possível que essa associação ao sentido original do termo, tenha como finalidade reafirmar as “sementes do Verbo” no seio da cultura helenística. Assim, aqueles que vivem sem o *logos*, se tornam inimigos do *Logos*, pois conseqüentemente perseguem aqueles que vivem de acordo com a parte do *logos* que lhes foi dada.

Aqueles que perseguiram e perseguem os que vivem conforme o *Logos*, seja parcial, seja total, são considerados, por Justino, como demônios.

Com efeito, como já anotamos, os demônios sempre se empenharam em tornar odiosos aqueles que, de algum modo, quiseram viver conforme o Verbo e fugir da maldade. Portanto, não é de se admirar que se eles, desmascarados, procuram também tornar odiosos, e com mais empenho ainda, àqueles que vivem não apenas de acordo com uma parte do Verbo seminal, mas conforme o conhecimento e contemplação do Verbo total, que é Cristo. (*II Apol.* 8, 2-3).

Indo mais além, o apologista afirma que os demônios teriam criado e inspirado a mitologia grega, com o objetivo de desviar as mentes dos seres humanos, da verdade que havia sido anunciada pelos profetas. Os demônios queriam, assim, fazer os homens crerem que tanto quanto a mitologia, as profecias também eram apenas fábulas.

Os que ensinam os mitos inventados pelos poetas não podem oferecer nenhuma prova aos jovens que os aprendem de cor. E nós demonstramos que forma ditos por obra dos demônios perversos, para enganar e extraviar o gênero humano. Com efeito, ouvindo os profetas anunciarem que Cristo viria e que os homens ímpios seriam castigados através do fogo, colocaram na frente muitos que se disseram filhos de Zeus, crendo que assim conseguiriam que os homens considerassem as coisas a respeito de Cristo como um conto de fadas, semelhante aos contados pelos poetas. Tudo se propagou principalmente entre os gregos e outras nações, onde mais os demônios tinham ouvido, pelo anúncio dos profetas que se deveria crer em Cristo. (*I Apol.* 54, 1-3).

Tudo o que foi capaz de obscurecer a verdade que fora dita ao longo da história, Justino considera como obra dos demônios. A restrição à mitologia grega e às fábulas pagãs se deve ao fato de que grande parte de sua formação intelectual, se deu em âmbito grego.

Provavelmente, Justino teria contemplado outras ideias, como a egípcia, por exemplo. Contudo, como a influência da mitologia grega abarcou grande parte do contexto cultural da época, de modo especial, no âmbito do Império Romano, onde Justino viveu, é possível também que ele tenha escolhido se restringir apenas a este campo.

Outro aspecto interessante nas argumentações de Justino, é que ele além de reconhecer que os antigos filósofos, amigos da verdade, foram “cristãos”, considera-os também como “cristãos perseguidos”. Com essa afirmação, Justino faz uma analogia com a perseguição sofrida pelos cristãos do seu tempo. “Aqueles que antes de Cristo tentaram investigar e demonstrar as coisas pela razão, conforme as forças humanas, foram levados aos tribunais como ímpios e amigos de novidades.” (*II Apol.* 10, 4).

No grupo desses considerados “cristãos perseguidos antes de Cristo”, encontra-se Sócrates, que Justino afirma que foi acusado pelos mesmos crimes que os cristãos do seu tempo, pois diziam que ele introduzia novos demônios e que não reconhecia aqueles que a cidade considerava como deuses. De fato, no tempo de Justino, a comunidade cristã era acusada de ateísmo e de servir aos demônios. Prosseguindo, ele afirma que:

Expulsando da república Homero e outros poetas, ele ensinou os homens a rejeitar os maus demônios [...], ao mesmo tempo os exortava ao conhecimento de Deus, para eles desconhecido, por meio de investigação racional, dizendo: “Não é fácil encontrar o Pai e artífice do universo, nem, quando o tivermos encontrado, é seguro dizê-lo a todos.” (*II Apol.* 10, 6).

Segundo Justino, foi exatamente isso que Cristo fez por sua própria virtude. O nome e a sabedoria de Sócrates tinham influência e respeito consideráveis no mundo grego. A adequação de Sócrates com Jesus, nas argumentações de Justino, dão um prestígio e uma credibilidade importantes para o cristianismo.

Ninguém acreditou em Sócrates, até que ele deu a vida por essa doutrina. Em Cristo, porém, quem em parte foi conhecido por Sócrates, pois ele era o Verbo que está em tudo [...], em Cristo acreditaram não só filósofos e homens cultos, mas também artesãos e pessoas totalmente ignorantes, que souberam desprezar a opinião, o medo e a morte. Pois ele é a virtude do Pai inefável e não um vaso de humana razão. (*II Apol.* 10, 8).

Vê-se em Justino, começar uma verdadeira chave de interpretação para a história, ou por assim dizer, uma teologia da história. A comunidade cristã, formada pela participação, quer parcial, quer plena, no mesmo *Logos*, existiu em todo o curso da história. A história da

filosofia será, naturalmente, um desenvolvimento da história do cristianismo. (BOEHNER; GILSON, 1985, p. 30). Justino, forma como que a base para uma filosofia da história, que se desdobraria numa visão universal da história, que Santo Agostinho desenvolveria em sua *Cidade de Deus*.

4 O *LOGOS* TOTAL

4.1 CRISTO, O *LOGOS* PLENO: APONTAMENTOS SOBRE O PRÓLOGO DE SÃO JOÃO

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. [...] Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens. [...] E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade. [...] Pois de sua plenitude todos nós recebemos graça por graça. (Jo. 1, 1;3-4; 14; 16)

O prólogo com o qual São João iniciou seu Evangelho delinea as ideias mestras da história do pensamento cristão. Na verdade, sem esse prólogo, o pensamento cristão se tornaria quase que incompreensível, dada a sua originalidade e profundidade. A reflexão se tornaria incompleta se excluíssemos as palavras de São João da discussão acerca do *Logos*, visto que o início da filosofia cristã parte justamente dele. Toda a filosofia de Justino está fortemente enraizada nesta perícopes.

Segundo Boehner e Gilson (1985), as especulações dos gregos acerca do *Logos* não eram totalmente desconhecidas ao evangelista, isto porque o quarto evangelho foi redigido em Éfeso¹⁰, onde, a partir de Heráclito, se usou muito o termo *Logos* para indicar a inteligência cósmica ou razão do mundo, fonte do ser e do conhecimento. É muito provável também, que o evangelista conhecesse as especulações de Filon de Alexandria¹¹, que via no *Logos* a ideia divina do mundo, e o meio pelo qual Deus age no mundo.

Contudo, apesar de todas estas especulações, onde o *Logos* é apenas algo de divino ou algo presente em Deus, para São João ele tem um significado mais profundo: ele é o próprio Deus.

No pensamento joanino o *Logos* não está apenas em Deus e com Deus: ele é o Deus vivo. É o Verbo pelo qual foi feito o mundo. É o Filho de Deus que está com o Pai e que trouxe a graça e a verdade plena.

Com essa nova perspectiva, pode-se afirmar que a personalidade do *Logos* e sua Encarnação, além de serem escândalo para os judeus e loucura para os gregos, põem as mais

¹⁰ É interessante destacar que foi nesse mesmo ambiente geográfico e cultural que Justino desenvolveu seu pensamento filosófico.

¹¹ Filósofo judeu, autor de inúmeras obras filosóficas onde expôs a sua visão platônica do judaísmo. Diferentemente de Justino, o *Logos* para Filon era a Lei, ou *Torah*, único instrumento a partir do qual a alma humana adquire o conhecimento verdadeiro, que vem do conhecimento de Deus.

altas exigências ao pensamento cristão. Embora sem relação direta com a filosofia estas polêmicas influenciaram-na em duas perspectivas importantes. Na primeira, convenceram os pensadores cristãos da insuficiência da filosofia para penetrar nos mistérios de Deus, isto é, o conhecimento total de Deus é impossível à razão humana. E na segunda perspectiva, contribuíram muito para esclarecer as conceituações de pessoa, de natureza e de hipóstase.¹² (BOEHNER; GILSON, 1985, p. 18).

Prosseguindo a reflexão, São João apresenta o *Logos* como a luz “que ilumina todo homem.” (Jo. 1,9). Trata-se, evidentemente de uma luz espiritual. Esta nova interpretação do *Logos* significa que ele é a fonte de todo conhecimento. Sendo o *Logos* simultaneamente princípio do mundo e luz, era muito natural que se fizesse da luz o próprio princípio do mundo. Dado que a luz visível é a mais elevada das analogias materiais da luz invisível ou do *Logos*, ela vem assumir lugar particularmente importante na explicação do mundo criado pelo *Logos*. Deste modo, luz material é concebida no pensamento cristão como a substância original do cosmos.

A virada conceitual no cerne do pensamento de São João, forma como que a base filosófica para o pensamento e a doutrina que Justino formulará posteriormente. Historicamente, o prólogo foi escrito antes do apologista, mas sua compreensão, principalmente no âmbito da filosofia, fica mais claro depois de se ter contato com o pensamento de Justino.

4.2 A CONCEPÇÃO DE DEUS EM JUSTINO

Dado que Cristo é *Logos*, e o *Logos* é Deus, é preciso aprofundar essa concepção que é a linha axial do pensamento de Justino. Deus é centro e a finalidade de toda a sua reflexão, sem o qual é impossível se chegar à verdade plena.

Segundo Figueiredo (2009), a concepção de Deus em Justino é influenciada pelo livro *Timeu*, no qual seu autor Platão procura situar Deus o mais longe possível do mundo visível. Ele aproxima o conceito cristão de Deus com a concepção platônica da divindade, segundo a qual Deus habita nos espaços superiores e é inteiramente transcendente a todas as “formas” e não constitui apenas a “forma” mais elevada.

¹² Em termos cristãos, significa união substancial. Está vinculado à discussão sobre a Trindade e à cristologia. O termo também é utilizado para se referir à divindade de Cristo na chamada união hipostática de suas naturezas, divina e humana, em uma hipóstase, substância.

Adotada pelos platônicos do século II, essa concepção também foi assumida por Justino que falando de um Deus supraceleste afirma:

[...] Aquele que permanece sempre sobre as esferas celestes, e que por ninguém foi visto, que não falou jamais por si mesmo, nós o conhecemos com o Criador do universo e Pai. (*Diál.* 56,1).

Justino tem uma ideia de absoluta transcendência de Deus, que como vimos, foi influenciada pelo médio-platonismo. Deus não pode, por isso, manifestar-se, mas sua Lei, sua vontade, seu plano, seu amor são manifestos pelo Filho preexistente. Cristo, o *Logos*, é por excelência, o anunciador, um arauto, um executor da vontade de Deus-Pai.

Assim, Deus é colocado acima de toda a realidade terrestre que não o pode conter. A transcendência de Deus exprimiria justamente o fato de ele não poder ser contido em lugar algum.

Essa conceituação parece nos remeter à ideia de que Justino concebe um Deus separado do mundo, contudo, de modo contrário, ele exprime a maior intimidade possível de Deus com o mundo. Deus, para Justino, se revela em suas criaturas como criador e Pai, e como aquele que ininterruptamente se vela. Por essa razão, ele designa esta transcendência de Deus com o termo “inefável”, indicando a sua inexprimibilidade e a sua inomibilidade, isto é, Deus presente em tudo, como Pai-Criador, contudo sem nada o poder conter. (FIGUEIREDO, 2009, p.67).

Em Justino, Deus só pode ser chamado de Pai enquanto se relaciona com o mundo. Diz ele: “com efeito, ninguém é capaz de dar um nome ao Deus inefável. Se alguém atrevesse a dizer que esse nome existe, sofreria a mais vergonhosa loucura.” (*I Apol.* 61,11).

Justino conclui que, partindo do princípio da transcendência, Deus não cria diretamente o mundo, mas o cria através de Filho, Cristo Jesus. Assim, o Filho é o mediador entre o mundo “supraceleste” e o mundo “terrestre”. O mundo criado, remete à “fala” do Pai, que exprime a sua inominabilidade. O Filho, ao mesmo tempo em que é a Palavra do Pai pronunciada, o Verbo, é também a proclamação da inexprimibilidade desta palavra.

Deste modo, as manifestações do *Logos*, não são isoladas, mas coordenadas por uma força unificadora e harmonizadora, constituída pela vontade do Pai. Tais manifestações são entendidas como o cumprimento da vontade do Pai, que atravessa a história dos seres humanos.

Segundo Figueiredo (2009), em Justino, Deus não é concebido como uma existência metafísica, fria, mas como uma existência cheia de bondade, que se revela plenamente através do seu Filho:

Que é o mais precioso e mais justo princípio depois do Deus que o gerou [...]. Que tudo isso aconteceria, como digo, o predisse nosso mestre, que é ao mesmo tempo filho e legado de Deus Pai e soberano do universo, Jesus Cristo, do qual também originou-se o nosso nome de cristãos. Disso provém nossa firmeza em aceitar seus ensinamentos, pois se manifesta realizado tudo quanto ele predisse que aconteceria. Eis a obra de Deus: dizer as coisas antes que aconteçam e depois mostrar o acontecido tal qual ele foi predito. (*I Apol. 12, 7. 9s*).

A interpretação primordial de Justino para a última frase da citação acima, nos remete a Cristo. A verdade foi dita seminalmente por Deus através dos seres humanos e, por fim, ela é concretizada em sua plenitude em Cristo, a verdade plena.

O Pai não-gerado, possui a divindade como essência, ou seja, sua divindade não é derivada. O Filho é Deus por derivação. Sua divindade deriva da do Pai, não por criação a partir do nada, mas por geração eterna.

A distinção entre o Pai e Filho, como explicará posteriormente Taciano¹³, é segundo a “repartição” e não segundo a “divisão” ou “cisão”. Recorrendo à imagem do sol e do raio, ele afirma que Deus é o sol e Cristo o raio. O raio é distinto do sol. Deste modo, o Pai e o Filho, se há uma distinção, há uma identidade essencial entre ambos, identidade conferida pela divindade, possuída de modo diferente por eles, um como o que gera, outro como o gerado. (FIGUEIREDO, 2009, p. 70). Sobre essa identidade Justino expressará: “Mas esse gerado, emitido realmente pelo Pai, estava com ele antes de todas as criaturas e com Ele o Pai conversa.” (*Diál. 62, 2*).

O *Logos* não é, deste modo, um mero instrumento através do qual o Pai cria. É o Pai, unido ao Filho, que cria. O Filho possui um poder, não compreendido como algo outorgado pelo Pai, mas que deriva do Pai e lhe é próprio, uma vez que ele coexiste com o Pai. É a própria vontade de Deus, que nele se concretiza. Resulta-se assim, o fato de uma relação íntima e pessoal do *Logos*, o Filho de Deus, com o mundo criado.

¹³ Filósofo, discípulo de Justino, por quem foi convertido ao cristianismo.

4.3 CRISTO: A PLENITUDE E A FINALIDADE DA FILOSOFIA

No mundo helenístico, o primitivo anúncio cristão seguiu o caminho da analogia e da contraposição que, enquanto afirmava os pontos de contato, confirmava também os elementos de diferenciação e de especificidade da mensagem cristã. Contudo, para isso, era preciso que “anunciadores” adotassem a língua e a linguagem dos ouvintes, expressando-se em termos compreensíveis. Tratava-se de reformular a fé cristã adaptando-a ao novo mundo e traduzindo-a mediante novos conceitos e experiências. (PADOVESE, 2004, p. 160).

Deste modo, a passagem do anúncio cristão do contexto linguístico aramaico para o grego, significou também uma mudança nos conteúdos e representações. A terminologia que expressa bem esse fenômeno, por exemplo, é Cristo: o título “Messias”, isto é, Cristo, o Ungido, por não ter significado para os gregos, tornou-se o sobrenome de Jesus. Jesus, o Messias, se transformou em Jesus Cristo. Em suma, num mundo carregado de religiosidade como era o grego, a proclamação de Cristo, como *Logos*, só podia acontecer se a ela fossem atribuídas as características de piedade que o mundo grego reservava aos seus deuses.

Assim, o que as pessoas buscavam em suas religiões, era oferecido na realidade histórica de Cristo. Sobretudo as grandes questões necessárias ao ser humano, encontrava no cristianismo a resposta.

Esse encontro de dois mundos, permeado pelo esforço de salvaguardar o conteúdo específico da mensagem cristã, levou também a uma interpretação religiosa do cristianismo, permitindo assimilar conceitos e categorias que em parte eram até estranhas à mentalidade do Novo Testamento. (STOCKMEIER, 1976, p. 63).

Diante da necessidade de se “legimitar” e de desmentir a acusação do mundo grego, que o considerava uma superstição, o movimento cristão foi aos poucos se afirmando como religião verdadeira. Contudo, isso supôs, segundo Stockmeier (1976), “uma assunção de estruturas religiosas e, com elas, a criação de um novo universo simbólico”. A “superstição” cristã foi se tornando progressivamente “cristianismo”, em oposição ao judaísmo e se legitimou como uma “verdadeira religião” em contraposição à religião pagã.

Esse processo de adaptação e de transformação teve lugar não apenas em relação ao contexto estritamente religioso, mas se estendeu também à filosofia, como uma forma de fundamentação “científica”.

Com isso, há um esforço dos cristãos de dar razões da própria fé, adequando-as aos destinatários. A relação entre filosofia grega e doutrina cristã é a mesma que existe entre o que é imperfeito e parcial e o que perfeito e total. (PADOVESE, 2004, p. 162). Deste modo, não existe ruptura entre pensamento humano e cristão, mas o primeiro se completa no segundo. Por isso, como afirma Justino, quem viveu de “acordo com a razão” ou “segundo o Verbo” pode ser considerado cristão.

Segundo Padovese (2004), as consequências ligadas a esta tese são fundamentais para o sucessivo processo de cristianização:

- a) Renegar a idolatria e adotar o cristianismo não significa, para um grego, renegar a sua tradição;
- b) O cristianismo é a manifestação plena de uma revelação precedente. Portanto, a herança da filosofia, com a do Antigo Testamento, não deve ser rejeitada, mas lida no interior de uma revelação progressiva, e como tal deve ser acolhida;
- c) A conversão ao cristianismo não é outra coisa que a passagem das verdades parciais à verdade total, que é Cristo, o *Logos* pleno. Deste modo, o recurso à sabedoria grega é legitimado: esta não é irreconciliável com o cristianismo, embora este não abdique a sua consciência de exclusividade.

Seria um erro julgar que a busca de contato entre o helenismo e o cristianismo tenha significado uma fusão de ambos, privando o cristianismo de sua especificidade e alterando-o. Apesar do contato com várias culturas, de modo especial a grega, o cristianismo manteve intacto e livre de interpretações deturpantes o seu núcleo central: Jesus Cristo e seus ensinamentos.

Sem esse núcleo central o cristianismo teria diluído a sua mensagem nas várias culturas, dissipando-o. Contudo, ao enraizar-se nas culturas e, de modo especial, na filosofia grega, ele se solidifica e se concretiza como a finalidade de todo o pensamento já havido.

Em Justino, essa tese é clara: em Cristo, os cristãos tem a plenitude do conhecimento e da revelação. (*II Apol.* 10, 1). Cristo, Filho de Deus, é a Lei eterna e a nova aliança para o mundo inteiro. (*Dial.* 43, 1). Em Justino, o cristianismo reivindica para si, pela primeira vez, o direito de herança à cultura antiga, senão em toda a sua extensão, pelo menos no que diz respeito aos seus valores mais elevados. (BOEHNER; GILSON, 1985, p. 31).

Deste modo, Cristo se constitui como o princípio e o fim de tudo. Nele está contido todo o conhecimento e toda verdade. Para ele estão direcionados os focos da História. Com ele, os pensamentos se encontram. Nele a filosofia se torna plena.

5 CONCLUSÃO

É perfeitamente claro que em Justino o cristianismo se amplia teoricamente. Ele se fundamenta racionalmente. Essa é a verdadeira importância de Justino para a história: dar um impulso racional para o cristianismo e dar à filosofia domicílio no seio do pensamento cristão. Isso permitiu que o cristianismo não se fechasse e se dissolvesse, pois deste modo, ele teve que entrar em diálogo com várias linhas de pensamento. Justino provavelmente teria se aprofundado muito mais em sua doutrina e em seus pensamentos, visto que era um amante da verdade. Contudo, o seu contexto e suas circunstâncias eram desfavoráveis. Os cristãos eram terrivelmente perseguidos pelo Império Romano e desta forma, os intelectuais, dentre eles Justino, se empenhavam em explicar e defender o pensamento cristão. Como apologista Justino se mantinha constantemente em posição de combate.

Essas situações extremas deram espaço para Justino exercer o ofício de escritor. Das suas obras, as que restaram para nós são apenas três: Duas apologias e o Diálogo com Trifão. Todas de cunho eminentemente filosófico. Como literato, Justino é um tanto vulgar. Seu estilo é simples e claro, mas monótono e sem elegância, contudo, mostra o calor de suas convicções, a nobreza do seu caráter e a perfeita lealdade dos seus processos. Mantém-se sempre filósofo. Suas discussões e aproximações com outras culturas e religiões perpassam, sobretudo, através do campo filosófico e racional, o que dão aos seus escritos uma conotação de verdadeiros debates.

Em diversas reflexões, Justino foi perfeitamente claro, fazendo o destinatário entender a sua mensagem. Em outras, como vimos no estudo, não tanto, dando margens para outras interpretações. Em épocas de cristianismo primitivo, Justino soube conduzir bem um diálogo inter-religioso nos moldes da atualidade, isto é, como uma conversa de esclarecimentos de pontos diferentes e união de pontos semelhantes. Surgem daqui alguns questionamentos: Por que o diálogo entre as religiões se tornou tão violento e intolerante ao longo da História? Por que a clareza de opiniões foi tão reprimida durante os séculos? Por que durante muito tempo não se podia viver de acordo com suas crenças?

Diversos outros aspectos poderiam ser retirados da filosofia de Justino, como por exemplo, a relação entre cristãos e judeus, o conceito de preconceito, tanto utilizado por Justino em suas apologias, e sua profunda união com a filosofia grega. Assuntos para outros estudos. O fato é que, Justino debateu como filósofo com os judeus em nível racional,

resultando num debate inteligente, além disso, denunciou a forma como os cristãos eram condenados sob o poder do imperador, esclarecendo e aprofundando elementos da doutrina cristã e por fim, ao se estabelecer em Roma, fundou uma escola onde ensinava filosofia. Não há dúvidas de que o cristianismo veio ao encontro das exigências de sua razão. Contudo, ele não o abraçou por razões puramente especulativas. Para Justino, o cristianismo é acima de tudo, força e vida em Cristo Jesus. Ele considerava os antigos filósofos como irmãos, por haverem aspirado à vida cristã. Mas visto que só o cristianismo pode conduzir à perfeita união com Deus, ele elevou a filosofia a um plano superior ao da pura razão.

A busca pela verdade o levou ao encontro da Verdade plena, Cristo. Assim, Justino sofreu o martírio perante o prefeito Rústico, pelo simples fato de se dizer cristão. O encontro definitivo com Cristo coroou sua vida. De fato, a filosofia que Justino vivera o conduziu a plenitude do *Logos*.

REFERÊNCIAS

- BERARDINO, Angelo Di. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades cristãs*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: Desde as origens até Nicolau de Cusa*. Tradução Raimundo Vier. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2010.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 1999.
- FIGUEIREDO, Fernando Antônio. *Introdução à Patrística: vida, obras e doutrina cristã nos primeiros anos da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HAMMAN, A. *Os Padres da Igreja*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias. Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995.
- MUNIER, Charles. *Apologie pour les chrétiens*. Paris: Du Cerf, 2006.
- OSBORNE, Eric F. *Justin Martyr*. Tübingen: BHT Gerhard Ebeling, 1973.
- PADOVESE, Luigi. *Introdução à Teologia Patrística*. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- QUASTEN, J. *Patrologia I: hasta el concilio de Nicea*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2004.
- SÁNCHEZ, Sylvain J. G. Problemes historiques du Dialogue avec Triphon de Justin Martyr. *Revista Augustiniana*, v. XLII, n 128. p. 653-714. Mayo/Ago. 2001.
- STOCKMEIER, Peter. *Fede e religione nella Chiesa primitiva*. Brescia: Paideia, 1976.
- WITTER, Hans-Jörg. *Logos Spermatikos. A enculturação do Cristianismo no mundo greco-romano e a sua relação com outras tradições religiosas segundo Justino*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. São Paulo, 1998.